

ELLIOTT ROSE

RUMO  
AO  
INDOMÁVEL

Tradução de  
Maria João Vieira e Sofia Barrocas

alma  
dos  
livros

## AVISOS SOBRE O CONTEÚDO

Esta obra contém descrições explícitas de natureza sexual, linguagem adulta e desenvolvimento de temas eróticos.

O meu *website* tem uma lista completa de gatilhos e avisos sobre os conteúdos, incluindo resumos capítulo a capítulo, para quem o considerar necessário: [elliottroseauthor.com](http://elliottroseauthor.com).

Por favor, tome nota: pode enviar *e-mail* para [elliottrose.pa@gmail.com](mailto:elliottrose.pa@gmail.com) se desejar mais informações ou esclarecimentos.

## NOTA DA AUTORA

Olá, querida leitora.

Seja bem-vinda a Crimson Ridge!

Se desejar mergulhar às escuras neste livro, por favor tenha em atenção que este romance-tabu é uma obra de ficção.

Trata-se de uma história independente, mas que está interligada com outras. Proximidade forçada. Romance de *cowboys*. Um final do estilo «felizes para sempre».

Caso tenha gatilhos em temas sensíveis ou conteúdos que prefira evitar, alerta para o facto de poderem ser abordados tópicos ou assuntos que talvez deva considerar antes de prosseguir.

*Para as leitoras prontas  
para trocar um cavalo por um bigode.*

# Capítulo Um

*Beau*

— **A**nda cá, sua grandessíssima cabra!  
Levanto a cabeça num sobressalto, depois de estar a fazer *scroll* no ecrã do telemóvel sem nenhum objetivo, reagindo por instinto ao som da voz feminina que se encontra a gritar do outro lado do passeio.

Porra. Trago a *sweater* com capuz mais larga que tenho – apesar de estarem vinte e seis graus cá fora – e o chapéu puxado o mais para baixo possível. A última coisa de que preciso é de uma fã maluca que pensa que sabe alguma coisa sobre mim ou a minha vida a atirar-me uma torrente de obscenidades à cara.

Estou em vias de regressar de vez a Crimson Ridge, para me *afastar* dos psicopatas da cidade. Para não ter de os aturar a correr para mim a gritar disparates em público, só para tentarem apanhar-me a reagir de certa maneira diante da câmara.

Sinto os pelos da nuca a eriçarem-se e os dentes a cerrarem-se para condizerem com a forma como a minha mão se fecha à volta do telefone. Lanço um olhar furtivo à volta, para ver se percebo por que raio é que a Tessa está a demorar tanto.

– *Aagghh*. Vai-te lixar. Não te atrevas.

A voz torna-se mais alta e uma série de ruídos surdos ajuda-me a localizar a origem da comoção.

Estou sentado com o rabo apoiado no capô da *pick-up*<sup>1</sup>. Seria uma fuga fácil subir para o lado do condutor e trancar a porta, e já estou prestes a fazê-lo no instante em que uma cascata de tralha desce os degraus da montra da galeria de arte, a poucos passos de mim, e diretamente à minha frente.

– Sua grandessíssima cabra, pega barata, pedaço de trampa.

---

<sup>1</sup> Carrinha de caixa aberta, muito usada em meios rurais nos Estados Unidos. [N. da T.]

Um turbilhão de cabelo negro comprido, *jeans* pretos e botas pretas a condizer preenche-me a visão, caindo estrondosamente pelos degraus enquanto corre atrás de uma explosão de pertences. Quem quer que seja está com as mãos cheias, com um café numa e um telemóvel na outra, enquanto o conteúdo da carteira (que parece suficientemente grande para albergar confortavelmente um cão pequeno) se desdobra num pequeno *tsunami* de objetos pessoais a cair pelos degraus.

O fundo da maior carteira do mundo rebentou, deixando tudo lá dentro a imitar um saco de berlindes a descer pela escada, com a tralha a voar em todas as direções.

Enfio o telefone no bolso e dou dois passos em frente. O mínimo que posso fazer é impedir que as coisas desta senhora rebolem pela rua abaixo.

– É isto que me fazes?! Depois de tudo? Sua grande cabra...

Está dobrada, a tentar impedir, apenas com os pés, que cadernos, canetas e marcadores deslizem pelos degraus. Enquanto isso, a carteira inútil, sem estrutura, pende frouxamente de um dos lados.

Tenho de morder a língua para não me rir. Ela nem sequer reparou ainda que estou aqui a apanhar o máximo de peças e objetos que consigo, numa tentativa de a ajudar.

Outra olhadela rápida para cima e para baixo do passeio permite-me confirmar que Crimson Ridge está tão adormecida e deserta como sempre, pelo que, pelo menos, não há ninguém à espreita a ver isto a desenrolar-se.

Com certeza que se, por acaso, alguém passasse não iria reconhecer-me, assim, com o chapéu tão para baixo. Ou, no mínimo, teria de chegar mesmo perto para conseguir perceber por que motivo lhe parecia vagamente familiar.

Ainda acorçado, começo a reunir objetos, como uma garrafa de água, canetas (caramba, de quantas é que uma mulher precisa?) e recibos esvoaçantes, que ameaçam desaparecer pela sarjeta. Discretamente, enfio debaixo do braço tudo o que consigo.

Olho para cima e noto que ela pousou o café e se encontra a apanhar pertences nos degraus, escondida atrás de uma cortina de cabelo escuro e brilhante.

Não consigo ver-lhe a cara. No entanto, deparo-me com um rabo fantástico. Coxas curvilíneas e *jeans* cinzentos justos, a formar pregas extremamente sensuais logo abaixo da cintura. Um *top* preto simples toca levemente a cintura alta das calças, e, caraças, é nessa altura que percebo que os meus olhos já deslizaram para cima. O perfil lateral de um incrível par de seios escondido atrás do tecido de seda deixa-me a boca seca e provoca-me um calor instantâneo na nuca.

Porra.

Não é a hora nem o sítio ideal para ser apanhado a olhar, boquiaberto, como um adolescente excitado, para uma rapariga bonita na rua principal de Crimson Ridge.

Baixo o olhar, dou uma última espreitadela ao passeio, e apercebo-me de que, quase sem dar por isso, apanhei praticamente tudo enquanto estava de cócoras. Pigarreio para lhe chamar a atenção, já que continua a murmurar obscenidades para a carteira e parece não ter reparado no facto de me encontrar ali mesmo ao pé.

Quando me preparo para enfiar tudo nos braços dela e proceder a uma retirada estratégica para dentro da minha carrinha, sinto que finalmente se apercebe das minhas botas e de que estou ali parado. Num gesto rápido, afasta com a mão os cabelos soltos e, caramba... aqueles olhos escuros cor de mel encontram os meus.

Vejo neles um lampejo. Uma faísca que me apanha completamente desprevenido.

– Oh, meu Deus. Viste isto? Que confusão do caraças.

Levanta-se e limpa as palmas das mãos nas calças, sem olhar para trás nem demonstrar qualquer tipo de curiosidade. Simplesmente, põe o cabelo atrás da orelha de forma prática e solta um suspiro de frustração.

– Estás bem? – Subitamente, lembrei-me de como é que se formam palavras.

– Eu? Estou ótima. Esta carteira, no entanto, vai ser sacrificada numa fogueira o mais rapidamente possível. – Empurra-a ao de leve com a ponta das botas pretas de *cowboy*, giras, a combinar com o visual totalmente negro dela, apesar de não serem lá muito femininas. Sem dúvida que aqueles poucos centímetros de salto que exhibe podiam esmagar corações sem a menor hesitação.

– Toma. – Duas sílabas é tudo o que sou capaz de oferecer. Porque é que, de repente, fiquei com a língua atada?

Ela volta a fitar-me nos olhos, focando-se depois no ponto onde ainda estou a segurar um monte de coisas resgatadas da carteira a explodir. Enquanto estendo a mão, arregala os olhos, fazendo-me tentar perceber a que é que está a reagir. De imediato, contraio o estômago, pois o meu primeiro instinto é pensar que, afinal, talvez me tenha reconhecido.

– Vejam bem se não é um verdadeiro cavalheiro *cowboy*!

Franzo as sobrancelhas, um bocado confuso, a tentar perceber o que é que isso quer dizer.

Na minha mão, aperto um pequeno saco de cordões, feito de um tecido dourado e aveludado; algo sobressai do topo, onde aqueles não foram puxados até ao fim. Uma curva de silicone roxa espreita para fora.

– Hum? – Devo estar com uma expressão confusa. Quando me franze uma sobrancelha, antes de aquela boca bonita se curvar num sorriso malicioso, o meu cérebro lento e estúpido finalmente percebe o que se está a passar.

Encontro-me de pé, no passeio, a acenar com o vibrador desta rapariga como se fosse um vendedor de cachorros num estádio de basebol.

O vibrador que ela pode *andar a usar*.

Sinto as pontas das orelhas a começar a arder. Que raio se espera que eu faça? Devo guardá-lo cuidadosamente no saco antes de o entregar, como se fosse um maldito cartão de crédito para pagar a conta num jantar?

– Neste cantinho das montanhas, não usam brinquedos para se divertirem? – Brilhos âmbar cintilam entre o rico ocre dos olhos dela, que, por sua vez, combinam com o castanho mais profundo e bronzeado da pele.

– O gato comeu-te a língua, coisinha fofa? Sabes, tem dez velocidades diferentes e configurações ajustáveis. Também cria um padrão fantástico se escolheres o modo certo, ao ponto de te fazer revirar os olhos.

Inclina a cabeça para um lado, quase como se estivesse a desafiar-me para o tocar. Ou para não o fazer. Como é que vou sabê-lo, porra? O que sei é que terei um lugar para lá do décimo círculo do Inferno à minha espera se alguém me apanhar numa posição comprometedora como esta.

– Que pena, realmente. – A rapariga misteriosa toma a decisão por mim, estendendo a mão para me retirar o saco. – Por mais que adorasse fazer-te uma *TED talk*<sup>2</sup> sobre como encontrar o clitóris de uma mulher antes de ter sequer tomado uma gota de caféina, infelizmente tenho aonde ir.

Com apenas um encolher de ombros e um piscar de olhos, guarda o brinquedo e puxa os cordões laterais, para fechar o saco. Não demonstra uma ponta de embaraço, ou de vergonha, ou de aborrecimento pela situação. É tão informal que podíamos estar aqui a falar de ração para cavalos.

Está completamente tranquila, e eu fico sem palavras. Oficialmente incapaz de formar uma frase coerente na sua presença.

Nada de comportamentos histéricos com que lidar. Nada de birras de criança, ameaças, de bater o pé ou de insistir em ligar para um agente à velocidade da luz ao mínimo sinal de um pequeno contratempo. Nenhuma perspetiva de uma cena *pública* que não se encaixe na *persona* cuidadosamente construída.

É... refrescante. Como sentarmo-nos na relva fresca e encontrar alívio à sombra depois de uma longa tarde passada a cavalo sob um sol escaldante.

– Uau. Derreti-te mesmo o cérebro, não foi, *cowboy*?

<sup>2</sup> Breve apresentação em que alguém partilha ideias, experiências ou descobertas inspiradoras em diversas áreas. [N. da T.]

Pigarreio.

– Não preciso da *TED talk*.

Esboça um sorriso devastador enquanto me observa da cabeça aos pés.

– Tens a certeza?

– Podes apostar. – A minha pele arrepiava-se e as palavras saem a soar muito mais como o rosar de um homem adulto, até para os meus próprios ouvidos.

A rapariga misteriosa parece extremamente satisfeita por continuar a irritar-me. Entretanto, permaneço a agarrar metade das merdas dela, menos a porra do vibrador que provavelmente anda a usar e sobre o qual, a partir de agora, não conseguirei evitar interrogar-me.

Porque é que o terá na carteira?

Será que o usa com frequência?

Como é que ficará aninhado naquela vagina macia?

OK. Pára. Isto não é uma simulação, preciso de me escapar pelas saídas de emergência neste preciso instante.

– Bem, visto que estás aí parado, perplexo, por causa de um acessório, ao menos faz-me um favor e indica-me onde posso arranjar qualquer coisa para enfiar toda esta tralha. Melhor ainda, podias ser um verdadeiro cavaleiro rural e ir discretamente lá acima, à galeria, ver se por acaso têm uma caixa de cartão ou qualquer coisa parecida...

Nisto, segura o saco de veludo entre os dentes, libertando ambas as mãos e começando a aliviar-me de tudo aquilo que ainda estou a segurar. Quando se aproxima, o cheiro dela fura-me a consciência, atingindo-me os sentidos como o conta-gotas de um frasquinho. Não se limita a entrar suavemente, não – a fragrância de laranja silvestre e madressilva exige a minha atenção e inunda-me as veias. Tal como tudo nesta rapariga, não é uma encenação. É puro magnetismo e sensualidade, e, caraças, não posso, de todo, estar a olhar para ela, com aquele saco agarrado entre os lábios carnudos e o seu conteúdo pecaminosamente excitante lá dentro, a ter estes pensamentos.

Mesmo que quisesse, não o posso fazer.

Mesmo que *queira*.

Pigarreio como se tivesse a garganta cheia de ferrugem e reajusto o chapéu, segurando firmemente a aba.

– Espera aí. – Giro nos calcanhares, acocoro-me e olho à volta, por reflexo. A cidade continua deserta. Há duas senhoras mais velhas no lado oposto da rua, mas estão ocupadas a conversar enquanto caminham. Da outra direção, aproxima-se um veículo, que me faz baixar o queixo. Mais vale prevenir.

Abro a porta de trás da carrinha e agarro o saco desportivo que está no chão. Viro-o de pernas para o ar, sem sequer olhar, e deixo as coisas cair. Depois, volto para o pé daquela rapariga demasiado bonita para quem não estou, absolutamente, a olhar.

Encontro-me a ajudar uma estranha. Sou apenas eu a fazer uma boa ação.

Claro que não estou desesperado por lhe perguntar o nome, ou descobrir se trabalha na cidade, ou qualquer coisa louca do género...

– Maravilha. – Revira os olhos, enquanto lhe enfio o saco de desporto de lona desbotada nas mãos. – Também vou ficar com as tuas meias de ginástica ensopadas de suor?

– Isto é o melhor que consegui. Deixei o saco de marca lá no rancho.

Neste momento, encontra-se de cócoras a enfiar tudo lá dentro. Enquanto estou ali a resmungar e a tentar não olhar para aquela faixa de pele entre a cintura das calças e a barra do *top*, atinge-me com um pequeno sorriso torto e os lábios carnudos a tremer, numa cena que desperta demasiado interesse no idiota do meu pau.

Está uma rapariga linda, de olhar fogo, ajoelhada à minha frente.

Tenho de tossir para o punho e pensar na última vez que quase me esmagaram os testículos durante uma intensa cavalgada.

– Não vou encontrar aqui nenhuma cuecas sujas que tenhas guardado como recordação, pois não? – Franze o nariz, enquanto enfia tudo eficientemente no meu saco de desporto e o fecha. Bem, acho que agora é *dela*.

– Não. Talvez só aches um anel peniano, se tiveres sorte. – A resposta sai-me antes de eu conseguir fazer qualquer coisa para a travar.

Mas que merda! Quero que esta rapariga perceba que não sou sensaborão, que habitualmente não tenho a língua tão atada. No fundo, não quero que pense que não passo de um velho campónio sisudo.

– Bem, se a carapuça serve... – A rir-se levemente, levanta-se e lança a alça sobre o ombro. Com uma das mãos agora de volta ao café, enfia o telemóvel com a outra no bolso de trás, antes de se estender.

Este é o momento exato em que lhe podia agarrar a mão num cumprimento de despedida e sentir como o toque dela pode ser suave, em contraste com a língua afiada.

É tentador, a pairar mesmo ali. Provoca-me de forma imprudente e incita-me a fazer aquilo que não devo e não posso, tendo em conta a minha vida e as minhas circunstâncias: perguntar-lhe o nome e pedir-lhe o número de telefone.

Os olhos dela prendem os meus, cintilando por apenas um segundo, como se uma força invisível os puxasse. Ela resiste, enquanto estamos no meio do passeio, a apenas um metro de distância.

Assim que levanto a mão para pegar na que me oferece e percebo que, numa fração de segundo, o olhar dela desce até à minha boca, outro braço enrosca-se no meu cotovelo.

– Olá, amor. Desculpa ter demorado tanto.

Reparo nos olhos da rapariga misteriosa a saltitarem rapidamente e a absorverem a mulher colada ao meu lado, descendo até ao ponto onde o braço dela se entrelaça com o meu, antes de se fixarem com um baque no espetacular diamante que lhe adorna o anelar esquerdo.

Antes de eu conseguir dizer uma palavra, afivela uma máscara de educação.

– Certo. Bem... obrigada pela ajuda. Tenham um bom dia. – Sorri, com uma certa tensão, evita o meu olhar e, de repente, volta costas. Tudo o que vejo é o último esvoaçar daquela cabeleira escura e da sua pele morena e lisa enquanto contorna a esquina e desaparece da minha vista, com o meu saco ao ombro.

– Jesus, Tessa. Isso era mesmo necessário, caramba? – Afasto o braço. – *Amor?* A sério?

– Oh, perdoa-me, Beau Heartford, por fazer o meu trabalho.

A maldita da minha irmã bate-me as pestanas, disfarçando mal um revirar de olhos. As extensões que lhe pago combinam com o seu fabuloso salário – afinal, é a melhor gestora que alguma vez poderia ter desejado. O que não muda o facto de ser a minha irmã mais nova e conseguir mexer-me com os nervos.

– Não tens de estar sempre a fazer isso, sabes? – silvo, muito consciente de que tenho uma nuvem negra a formar-se por cima da cabeça.

– Oh, merda... – Os olhos azul-cinza da Tessa, aqueles que condizem com os meus, arregalam-se. – Estavas interessado nela? Posso tentar saber o número de telefone, se quiseres.

– Não. Está tudo bem. Deixa as coisas assim. – Abano a cabeça e entro para o lugar do condutor da *pick-up*.

A minha mana tem-me servido de escudo praticamente durante toda a minha carreira profissional. Afasta as fãs históricas e as coelhinhas da fivela<sup>3</sup> com a sua rotina bem ensaiada de exhibir aquele maldito anel no dedo e se agarrar ao meu braço como um polvo.

– Tens a certeza? – Desliza para o lugar do passageiro, a examinar-me o perfil, como sempre faz.

---

<sup>3</sup> *Buckle bunnies*, no original. Trata-se de raparigas que procuram relacionamentos românticos e a atenção de *cowboys* – especialmente os que competem em *rodeos* e ganham fivelas (*buckles*) –, seguindo-os pelas competições. [N. da T.]

Ranjo os dentes e aperto o volante até ficar com os nós dos dedos brancos. *Nope*. Aquela rapariga é demasiado nova. Um pesadelo de relações públicas à espera de acontecer. Ao me mudar finalmente para aqui, só me interessa encontrar alguma paz, e, se isso significa estar sozinho, então que assim seja.

– Fizeste as merdas todas de que precisavas?

– Caramba. Vamos parar e arranjar-te um café, ou algo do género, no caminho para fora da cidade, porque não me parece que me pagues o suficiente para aturar esse traseiro rabugento.

Entretanto, o telefone da Tessa toca, e, no instante em que ela atende a chamada, sinto o olhar fulminante que me lança de lado antes de cumprimentar alegremente o marido, que se encontra do outro lado da linha.

Enquanto saio para a tranquila rua principal, ladeada por árvores luxuriantes e pelas fachadas pitorescas que compõem Crimson Ridge, sinto a cabeça a latejar.

Que se lixem as circunstâncias em que me encontro. Que se lixe o mundo e as suas opiniões e a sua exigência incessante de que eu seja alguém que não sou.

Vou pôr tudo o que acabou de acontecer completamente para trás das costas.

Tenho de o fazer.

Não vou trair a minha *mulher*.